

OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO BRASIL DIANTE DO NOVO MODELO TÉCNICO AGRÍCOLA¹

Alan de Souza Lopes²
Cleyton Aguiar Crisostomo²
João Bosco Cabral de Souza²
Luiz Carlos Aragão Ferreira²
Tiago Nogueira Ferreira²

Resumo

A questão socioambiental do Brasil é uma temática bastante debatida entre os estudiosos da área por conta dos impactos diretos na estruturação dos recursos naturais e na saúde humana. As introduções de novas técnicas de produção aumentaram ainda mais esses impactos, causando uma preocupação em torno dos novos caminhos a serem seguidos diante do tema. O objetivo é contextualizar os impactos ambientais ocasionados pelo uso de diferentes técnicas agrícolas, apontando desequilíbrios nas relações entre sociedade–natureza. A metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico e documental em artigos, livros, periódicos, relatórios oficiais, tendo como referencial teórico uma perspectiva crítica. Os resultados apontam que os impactos ambientais são ocasionados pelas introduções intensivas de novas técnicas na produção, sobretudo a partir do processo de Revolução Verde. Por fim, pode-se observar que essas técnicas tais como; o uso intensivo de maquinários agrícolas; sistemas inadequados de irrigação e principalmente o uso de agrotóxicos afetam o equilíbrio socioambiental.

Palavras-chave: Questão socioambiental. Técnicas agrícolas. Agrotóxicos. Impactos ambientais.

Introdução

As questões socioambientais dentro do território brasileiro vêm sendo assunto recorrente por conta dos danos ao meio ambiente, oriundos da relação do homem na interface do espaço. A partir do modo de produção capitalista a sociedade explora de forma exacerbada ao ponto de quebrar a homeostasia do meio, que por si só apresentaria condições suficientes para se reestabelecer, caso a exploração não fosse superior a capacidade de reestruturação.

Tendo claro que o uso de bioquímicos e maquinários agrícolas fazem parte das novas perspectivas de técnicas visando um aperfeiçoamento da produção, com o intuito de produzir excedentes que entrarão dentro da lógica mercantilista (GONÇALVES, 2012). Sendo assim, o uso intensivo dos agrotóxicos querendo ou não contribui para o desequilíbrio, tanto abiótico como biótico, modificando o espaço, pois como os produtores apresentarão a noção ilusória de grande produção, se agregará uma maior necessidade de mais áreas para o cultivo, contribuindo com o desmatamento, ao mesmo tempo que proporcionará uma resistência das

¹ Trabalho apresentado à Disciplina de Regionalização e Regiões do Brasil, ministrada pelo Docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Acre, Rio Branco-AC. E-mail: bairral@hotmail.com.

² Discentes do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC. e-mail: cleyton1914@gmail.com; alanlopes20162016@outlook.com; nogueiratiago100@gmail.com.

pragas por parte dos produtos utilizados, fazendo com que haja uma perpetuação do uso dos agrotóxicos ainda mais degradantes, surgindo a necessidade de elaboração de novos produtos de efeitos até então desconhecidos pela ciência, afetando organismos que o anterior não alcançava, ocasionando um impacto ambiental sem precedentes. Desta forma o espaço natural em toda sua dimensão, assim como o espaço modificado, que engloba desde as pequenas cidades até as grandes megalópoles, sentem os efeitos do uso intensivo e sem controle de tais produtos, levando a um desequilíbrio do ecossistema em sua totalidade.

A pesquisa realizada trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que procura elucidar as questões socioambientais do território brasileiro com foco na questão do uso intensivo de técnicas agrícolas, e a parceria da produção com a indústria química. Através de um levantamento bibliográfico de livros, artigos e periódicos, buscando mostrar argumentos de diferentes autores sobre o tema proposto, com o intuito de melhor compreendê-lo, trazendo uma discussão mais fundamentada acerca dos problemas contemporâneos

Para tomarmos um parâmetro da importância da geografia no estudo das questões socioambientais, é preciso analisar um contexto histórico desde o princípio dos estudos a respeito dessas questões abordadas a geografia sempre se posicionou de maneira a não apenas se denominar uma ciência natural ou apenas humana, mas sim uma junção entre essas duas ciências. Por tanto, a partir do olhar da geografia poderemos analisar de uma forma bem interessante como se dá as relações homem-natureza na produção agrícola ao longo do tempo. E para tomarmos como exemplo essa relação entre o homem e a natureza é bom analisar como a nossa sociedade se estrutura.

1. As evoluções das concepções de técnicas agrícolas

Desde o período colonial, homens e mulheres vem desenvolvendo técnicas para controlar o meio onde vive. Obvio que nesse momento da história as técnicas eram um tanto quanto rudimentares e os africanos e indígenas escravizados eram os responsáveis pela produção agrícola. As técnicas arcaicas não agrediam o meio ambiente de forma tão ferrenha quanto as técnicas modernas o fazem.

Devido a revolução industrial no século XIX, novas técnicas entraram em evidencia;

Mecanização da produção, surgimento das primeiras máquinas, energia do carvão e do ferro, revolução na agricultura - adubação, novos tipos de plantação em oposição ao sistema rotativo de cultivo, utilizado desde a Idade Média, em que se interrompia a cultura em uma parte da terra durante algum tempo para a recuperação do solo, formação da força de trabalho, são algumas das principais características impostas pelas transformações

técnicas e econômicas ocorridas no final do século XVIII na Inglaterra, as quais foram denominadas Revolução Industrial (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

Toda essa modernização mudou drasticamente a forma como a produção era promovida. , com o advento de novas técnicas, pôde constatar um aumento considerável na produção e produtos que antes eram produzidos por artesãos, com um demorado espaço de tempo, cedeu lugar para as máquinas, produzindo em um espaço de tempo indubitavelmente menor. Com o advento dessas novas técnicas a relação homem-meio intensificou-se, trazendo prejuízos e benefícios para ambos.

No Brasil a modernização da agricultura ocorre a partir de 1960, influenciada diretamente pelas revoluções industriais, que impôs um novo ritmo de produção;

Com a industrialização do Brasil, a partir dos anos de 1950, o espaço rural começou a receber inovações tecnológicas provenientes da indústria, estimulado pelo governo federal através de financiamentos subsidiados do Banco do Brasil para os Grandes proprietários (MIRALHA, 2006, p. 156).

Com essas novas técnicas de produção agrícola, o homem passa a não se submeter mais aos ditos da natureza, e sim, a dominá-la, pois a partir desse momento, as produções deixam de seguir o seu tempo cronológico natural, e passam a ser articuladas aos interesses do capital. Com isso, o planejamento diante da produção segue uma organização para que o tempo de plantio até a colheita do produto seja reduzido cada vez mais, assim, aumentando ainda mais a produtividade em um curto período, seguindo assim, os interesses do capital.

As técnicas utilizadas em prol da produtividade intensa das lavouras seriam; os maquinários agrícolas, como os tratores; os sistemas de irrigações; e as parcerias com a indústria química que introduziu nas lavouras as substâncias tóxicas, como pesticidas, fertilizantes e sementes geneticamente modificadas (transgênicos).

2. Os impactos socioambientais causados pelo modelo técnico agrícola

As novas concepções de modelo técnico agrícola, fomentam um uso intensivo dos recursos naturais, os quais se tornam cada vez mais escassos tanto no Brasil quanto no mundo. Esses recursos edáficos e hídricos cada vez mais se degradam por conta do uso excessivo e irracional do solo e das redes de drenagem; com a introdução de maquinários pesados que além de compactar o solo, também degradam o ar, por consumirem demasiadamente combustíveis fósseis, que agridem diretamente a atmosfera; e os sistemas de irrigação, que causam um desequilíbrio hídrico na região em que a lavoura é implantada.

Análises realizadas pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos de São Paulo (ITAL-SP) identificaram resíduos de agrotóxicos em laticínios, embutidos e outros produtos industrializados das principais marcas comercializadas no mercado. Análises de hortaliças e frutas coletadas pelo Instituto Biológico identificaram problemas de resíduos tóxicos elevados em um número expressivo de amostras (COSTA, 2017). Tais substâncias causam modificações genéticas nos indivíduos que ficam expostos a elas, e essas exposições acontecem de forma cotidianas, através do contato com alimentos mercantilizados. Essas modificações causam doenças a longo prazo, e posteriormente se perpetuam por meio de heranças genéticas.

3. A questão dos agrotóxicos no Brasil

Ao longo do tempo, o Brasil vem demonstrando um certo descaso com relação a saúde de sua população, isto muito se dá por ser um país onde há baixa resistência ao uso de agrotóxicos nas suas plantações, sendo que muitas vezes estes agrotóxicos não apenas acabam com as pragas nas plantações, mas também são prejudiciais, tanto com quem trabalha com estes produtos na lavoura, como ocasionam prejuízo também para os consumidores destes alimentos, que recebem estas substâncias.

Um acontecimento importante que ocorreu no dia 25 de junho de 2018 foi a votação de um projeto de lei, de número 6299/02, que tem como objetivo afrouxar cada vez mais as resistências de lei que envolvem as questões dos agrotóxicos. Este projeto de lei tem sido chamado pelos opositores de “PL do veneno”, tendo em vista que estes tipos de substâncias trazem consequências terríveis para a saúde de toda sociedade, pois estes agrotóxicos possuem substâncias cancerígenas e que acarretam inúmeras outras doenças a longo prazo. O que vem acontecendo no país é exatamente a liberação de mais veneno para os pratos das famílias brasileiras, já que uma das propostas deste projeto de lei é exatamente a troca da nomenclatura “agrotóxico”, por “defensivo agrícola”, sendo que nisto se tem uma forte crítica, pois se acredita que a troca da nomenclatura é mais para ocultar da sociedade as substâncias tóxicas que ela consome. Neste PL, está previsto também um maior poder do Ministério da Agricultura para a liberação destas substâncias diminuindo conseqüentemente os poderes do Ministério da Saúde e do IBAMA, sendo que o Ministério da Agricultura poderá liberar o uso de um novo tipo de agrotóxico mesmo que os outros órgãos fiscalizadores não terminem a inspeção deste novo produto.

Sabe-se que cerca de 22 dos 50 agrotóxicos que são usados no Brasil são proibidos na Europa e Estados Unidos e, muitos dos agrotóxicos produzidos na Europa não podem ser

comercializados por lá, mas sim aqui no Brasil. Portanto algumas empresas lucram mais no Brasil do que em seus próprios países de origem.

Com relação a este projeto de lei que está sendo votado no Brasil é interessante analisar uma possibilidade de se observar um certo “grau de risco”, para que determinado produto seja legalizado no país, porém se observarmos que 22 dos 50 pesticidas utilizados no Brasil são proibidos na Europa, então esse “grau” de risco acaba sendo relativo segundo as organizações que planejam a liberação que podem causar mais danos do que nós esperamos, tanto para a sociedade quanto ao meio ambiente onde esses produtos são aplicados de fato.

Considerações finais

Observamos que as técnicas agrícolas sempre estiveram a favor das concepções mercantis, e ganharam espaço dentro das políticas nacionais por conta do discurso de alta produtividade. O Brasil desde o seu princípio, é um território alvo das nações que ditam as concepções de tecnologias voltadas para a produção agrícola, porém, essas novas tecnologias acabam cada vez mais prejudicando a manutenção dos recursos naturais e afetando direta e indiretamente a saúde humana. As políticas nacionais obedecem as regras do mercado internacional, portanto, criar leis que conservem a saúde da população, está fora de alcance dentro da ótica produtivista, já que cada vez mais a indústria química ganha espaço nas lavouras brasileiras, e gradativamente entram em nossas casas, se põem na mesa e adentram em nosso organismo, nos retirando a capacidade de viver de forma saudável e segura diante de nossos hábitos alimentares.

Referências

- BETIM, Felipe. **A operação para afrouxar ainda mais a lei de agrotóxicos no Brasil, na contramão do mundo.** El país. Disponível em: <www.brasil.elpaís.com/Brasil/2018/07/A-operacao-para-afrouxar-ainda-mais-a-lei-de-agrotóxicos-no-brasil.html>. Acesso em: 5 de jul. 2018.
- COSTA, M.B.B. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas.** 1 ed. São Paulo: Expressão popular, 2017.
- DREW, David. **Processos interativos Homem-Meio ambiente.** Ed. Bertrand. RS. 1989.
- GONÇALVES, C.W.P. **O desafio ambiental.** Record. 3 ed. Rio de Janeiro, 2012.
- LEROY, Jean Pierre. O impacto sobre o meio ambiente. **Le monde Diplomatique Brasil.** São Paulo, Instituto Pólis. Ano 2, n.15, julho/2008. p. 9-10.
- MIRALHA, W. **Questões agrárias brasileira: Origem, necessidade e perspectiva de reforma hoje.** Revista Nero, Ano 9, n.8- janeiro/junho de 2006.
- OLIVEIRA, E.M. **Transformações no mundo do trabalho da revolução industrial aos nossos dias.** Caminhos de Geografia, Minas Gerais, V.S, n.11, fev./2004.
- Relatório da lei dos agrotóxicos é aprovado, plenário votará após eleições. correio braziliense.ww.correio braziliense.com.br/2018/06/Relatório-da-lei-dos-agrotóxicos.html> Acesso em: 26 de jun. 2018.

Submetido em: agosto de 2018.
Aceito em: setembro de 2018.